

BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — Augusto de Castilho.
DIRECTORES — Jayme Victor e Lorjô Tavares.

PROPRIETARIA — A empresa do Brasil-Portugal.
CHEFE DO ESCRITÓRIO — J. Nunes de Freitas.
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

1 DE AGOSTO DE 1912

N.º 325

O LEILÃO DAS JOIAS DA SENHORA D. MARIA PIA



Centro de mesa, de cristal e prata

(Phot. de ***)

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 1 de agosto de 1912

O assumpto mais palpitante d'estes ultimos dias tem manifestamente sido a entrada de Paiva Couceiro em Portugal, na intenção de uma restauração Monarchica.

Desejar-lhe-hiamos dar a amplitude que facto tão importante merece; mas não é o *Brasil-Portugal* um jornal de combate; não se publica diariamente, e não vem portanto eivado da paixão rubra que os acontecimentos de occasião lhe poderiam imprimir.

Ao contrario; quando d'elles vem a occupar-se, dias e dias são já passados, e é por assim dizer á luz calma e fria da imparcialidade que nas suas paginas os regista pela pena e pela photographura; e sejam quaes fôrem os seus ideaes politicos, que certamente os tem, pelo muito que respeita os seus leitores que diversas crenças professam, nem exageradamente os glorifica, nem propositamente os deprime.

Deu-se a incursão ha tanto tempo annunciada.

Vieram ás mãos em terras Portuguezas filhos da mesma Patria, nascidos e acalentados aos raios beneficos do mesmo sol; irmãos todos pela terra em que se crearam; parentes e amigos da vespera, irreconciliaveis de hoje, porque os separam ideaes oppostos, crenças diversas!

Vieram ás mãos em terras portuguezas aquelles que só as deviam estreitar n'um amplexo fraternal; derramou-se sangue que só pela defeza da Patria se deveria verter; deslizaram lagrimas pelas faces enlutadas de Mães que não mais beijarão os filhos queridos, que o sopro rijo da desgraça lhes arrancou dos braços!

E uns e outros se bateram na convicção do cumprimento de um dever!!

E vencedores e vencidos derramaram o sangue pelo que julgaram ser o bem da Patria idolatrada!

Venceram os que pela Republica se bateram, os que n'ella firmam todos os seus ideaes de felicidade para o seu Paiz; venceram, e natural é que a republica se defenda de quem a procura annular; está no seu direito; é mesmo o seu dever.

Relaxados estão sendo aos Tribunaes Marciaes os que delinquiram, e julgados vão ser por quem veste uma farda, que imprime caracter. E justiça será feita, ninguem a tal respeito tenha duvida.

Para que, pois, a injuria que avilta mas não convence, que deprime mas não subjugam?

Aguarde-se com serenidade, senão com magnanimidade, o seu veridictum, que será rigoroso sim, porque será proferido por quem por culto tem o cumprimento da Lei, mas que por isso mesmo não irá além do que seja rigorosamente justo.

E' que os Tribunaes Marciaes, não obstante o seu nome de guerra, são ainda os que, como Tribunaes de excepção, mais garantias offerecem de julgamento sem a paixão que cega, sem o rancor que a verdade deturpa.

Fallem os Tribunaes, mas, por Deus, cale-se a rua e soceguem os Odios, que outra couza não são que combustivel inflamavel a lançar n'essa immensa fornalha de paixões que ameaçam subverter uma nacionalidade secular!!

E vamos a trabalhar todos, governantes e governados, para um fim unico e santo, a prosperidade da Patria querida. Aquelles, desgastando arestas cortantes que Leis publicadas sob o imperio da Revolução e coacção das turbas em si conteem; estes, procurando de boa vontade adaptar-se ao novo meio, que um regimen gasto por tantos males *que de longe vinham* facilitou, e que, viu-se agora, o povo não repudia.

Allegou-se, e o orgão de uma das individualidades mais cotadas na Republica o afirmou, que Leis houve que o Governo Provisorio teve de promulgar, porque ou o seriam então, ou nunca se promulgariam.

Porque? Porque a opinião publica a tal se oporia?

Não, não deve ser assim; não pode mesmo ter sido assim, porque o mesmo seria que confessar que essas Leis só o poderiam ser, quando promulgadas sob o imperio do terror, com a força momentanea que uma revolução empresta aos governos, mas contra o sentir da maioria da Nação, e só com o aplauso de uma minoria que, fóra d'essa occasião excepcional, careceria da força precisa para a impôr ao Paiz.

Houve sim precipitação; houve ancia na realização immediata de ideias de ha muito preconizadas; houve a vertigem do Avanço! Pois bem.

Remodelem-se as Leis que, como a do inquilinato, constituam um ataque á propriedade; refundam-se as que pela sua contestura ultra radical, como a da separação da Igreja do Estado, atacam nas suas bases fundamentaes a religião Catholica, que é e será ainda por muitos seculos a religião da grande maioria dos Portuguezes.

Faça-se tudo isto, com espirito de conciliar e não de separar pela violencia, deixando-se á acção do tempo a natural evolução social para o que cada um julgue ser o supremo bem da sua Patria.

Transija-se de parte a parte, que por vezes transigir é vencer.

V.

Quando juncto de mim, na rua passas,
Olhas-me tanto...
Que me convenço, julgares,
Que fazes de tuas graças,
O meu encanto.

Sigo-te... é certo;
Esp'rando, que assim consiga,
Vendo de perto,
Achar em ti
Coisa, que valha e bemdiga;
Mas nunca vil!

Tens o pé, fino...
Elegante e bem calçado;
Feio, já vês.
Depois a tez
Do teu rosto, é carminada;
Olhos formosos, de fada;
E muita vez,
Julgo teus dentes, rosario
De perolas, e sacrario
A bocca linda.
Tudo mal feito...
Sem ar... sem geito!...

De vespa a cintura, grossa;
Mão de duqueza...
Dedos finos, delicados,
Par'cendo, foram talhados
Para burguesa!

E entretanto,
Não deixo de te jurar:
Amo-te tanto,
Que seres, podes julgar,
O meu encanto!

Cuba — Novembro — 1910.

Deus abrange n'um olhar,
Estrellas, flores, crianças;
Sorrizos, maguas, esp'ranças,
E as fundas algas do mar.

Tu no aperto de mão,
Que me deste, ao despedir,
Tambem devias sentir,
Abranger meu coração!

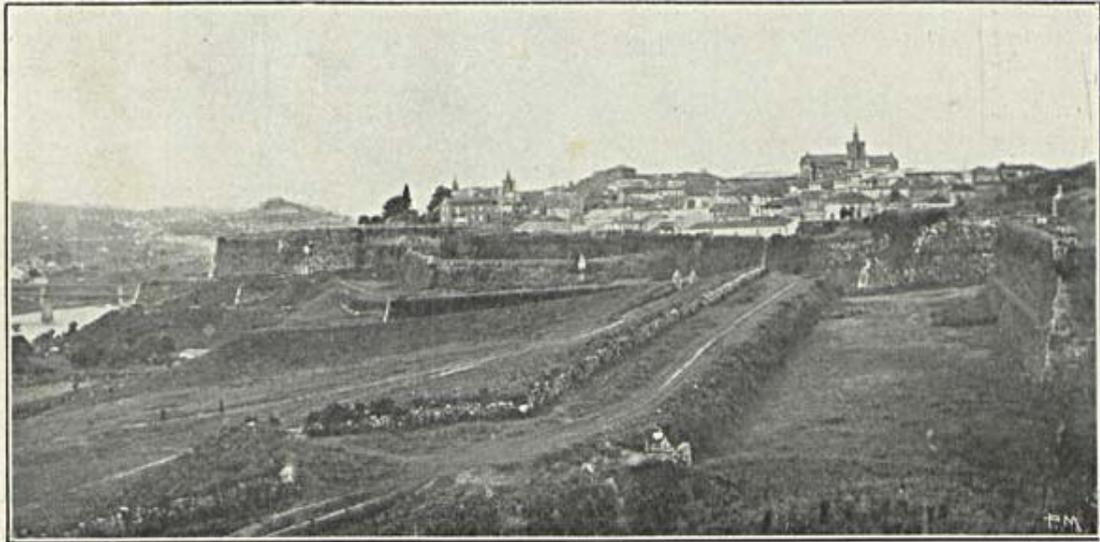
Em noites quentes de estios,
Vão as estrellas, brilhando,
O num'ro seu duplicando,
Nas frescas aguas dos rios.

Tambem tu nos olhos meus,
Podes ver teu rosto lindo,
A doçura reflectindo,
Como as estrellas dos ceos.

Cuba — Dezembro — 1910.

CONDE DA ESPERANÇA.

A segunda incursão monarchica



A praça de Valença. Foi atacada pelos realistas commandados pelo ex-tenente Sepulveda

Religião, lingua e litteratura chinezas

A China tem tres religiões officiaes: duas de origem indigena, o confucianismo e o taoismo; e uma importada, o budd'hismo. Estas tres religiões vivem sem nenhuma animosidade entre si, tendo, no correr dos seculos, exercido, umas sobre as outras, influencias reciprocas. O imperador pertencia a todas as tres e celebrava os ritos de cada uma.

A primeira d'estas, o confucianismo, (Yu-Kiao) é provavelmente a antiga religião chinesa, transformada pelo grande reformador Confucio. Como a velha religião tambem esta não tem clero, e as suas cerimonias liturgicas reduzem-se aos grandes sacrificios imperiaes. Espalhada principalmente pelas classes instruidas, não é, no fundo, senão uma philosophia moral elevadissima. Para ella os



A segunda incursão monarchica — A estação do caminho de ferro de Valença que chegou a ser occupada pelos realistas

deuses: o Céu (Chang-Ti), a Terra, os espiritos superiores, são entidades abstractas e não pessoas reaes. Não proclama nem contesta a immortalidade da alma.

E' a segunda o taoismo (Tao-Kiao) que tem mudado muito de caracter desde que o grande reformador Lao-Tsen a fundou, no vi seculo antes de J. C. Era uma religião metaphisica, inspirada pela philosophia hindú, assentando sobre a crença em um Deus que era a «Rasão Suprema» (Tao), e na immortalidade da alma. Hoje, apenas é um mistiforio de superstições, na sua maioria grosseirissimas. Os seus

padres, nos seus numerosos templos, teem balcão de bruxaria, adivinhação, astrologia e alchimia.

A terceira é o buddhismo, religião de Fo ou de Buddha, offi-



A segunda incursão monarchica — Valença
O posto da guarda fiscal, junto á ponte, do qual tambem tomaram posse os monarchicos



A segunda incursão monarchica — Valença
A casinola perto da ponte internacional, junto da qual cahiu morto o filho do conde de Carcavellos

(Phot. de ***)

cialmente reconhecida na China no anno de 61 da nossa era, que soffreu depois profundas modificações, e se compenetrou das idéas e usos nacionaes. Hoje, o buddhismo chinês não é nem o buddhismo primitivo nem o lamaismo, mas uma mistura da antiga metaphisica de Çakya-muni com as praticas dos cultos nacionaes chins. Como o taoismo, tem uma organização hierarchica muito complicada.

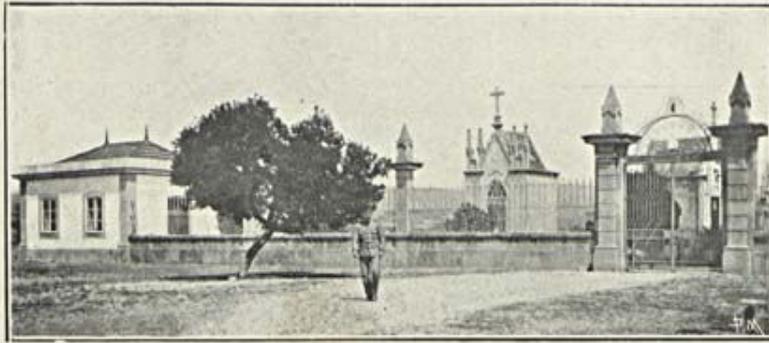
Ao lado d'estas tres religiões sobrevive, misturando-se constantemente com ellas, o culto dos antepassados, que é, realmente, verdadeira religião da China.

Assenta ella sobre a crença que os mortos conservam todos os sentimentos e todas as necessidades dos vivos; assim convém — n'um espirito, não de adoração, mas de respeito e veneração — offerecer-lhes, em numerosos sacrificios, alimentos perfumes e tudo de que haja necessidade.

Das religiões estrangeiras a mais espalhada na China é o mahometismo, que hoje conta uns 50 milhões d'adherentes.

Os judeus, que ali entraram antes da era christã, prosperaram durante muito tempo; hoje, pouco mais serão do que alguns milhares.

O christianismo, levado no seculo vi pelos missionarios nestorianos, ahi prosperou entre o vii e o xiii seculo, e depois duma detenção, no seculo xvii, graças aos missionarios da *Propaganda Fide*. Antes de rebentar a ultima guerra, os catholicos e os protestantes, agrupados os primeiros á volta de 630 missionarios de todas as ordens e de 340 padres indigenas, e os segundos di-



A segunda incursão monarchica

Chaves — O cemiterio novo, primeira posição occupada pelas tropas republicanas



A segunda incursão monarchica

Em frente de Chaves — O espaldão occupado pelas tropas de Paiva Couceiro durante o combate



A segunda incursão monarchica

A direita o tenente-coronel Oliveira commandante da praça de Chaves

rigidos por 250 pastores, na sua maioria ingleses ou americanos, podiam avaliar-se n'uma dezena de milhões.

A lingua chinesa é essencialmente monosyllabica. Cada monosyllabo pode mudar de valor grammatical, mudando de posição na phrase, e pode ser indifferentemente substantivo, adjectivo ou verbo. E' sómente, graças á posição das palavras e ao conhecimento dos tons que se consegue perceber uma phrase. As in-

flexões de voz ou tom são cinco: aberto, mudo, elevado, descendente e reentrante.

E' ao imperador Fu-hi a quem se attribue a invenção dos caracteres chinezes. Um caracter chinês é, em principio, formado por um radical ou chave, e por um phonetico. Hoje, estão todos d'accordo em fazerem derivar de 214 chaves todos os caracteres do dictionario chinês.

E' importante distinguir na lingua chinesa: 1.º o *Ku-ven* ou lingua antiga; 2.º o *Kua-hoa*, 3.º o *Wen-tchang*. A primeira é a lingua erudita, na qual estão escriptos os mais antigos monumentos litterarios do paiz, principalmente os *Kings*, ou livros canonicos. E' ella que conta maior numero de palavras homophonas, que foi outr'ora falada numa certa parte da China, mas de ha muito que deixou de o ser. Hoje, é apenas intelligivel para um pequeno numero de lettrados e de sabios, e completamente alheia para o povo.

A 2.ª é a chamada lingua mandarina, embora seja a lingua universal, tal como é falada em todo o imperio e por todas as classes.

A 3.ª, é o estylo litterario que forma uma linguagem intermediaria entre o *Ku-ven* e o *Kua-hoa*. E' menos vaga do que a primeira e mais clara do que a segunda.

Até fins do seculo xvii existia uma quantidade de dialectos locais; mas, n'esta epocha, o imperador Kang-Hi decretou a uni-



A segunda incursão monarchica

Officialidade de infantaria n.º 19 que tomou parte no combate de Chaves (Phot. de ***)



A segunda incursão monarchica — *Cavallaria n.º 6* sahindo de Chaves para ir em exploração a Soutelinho da Raia

dade da lingua para todo o império, e os dialectos que variavam em cada provincia, desapareceram todos, salvo, os das provincias de Cantão e de Fo-Kien, que tem durado até hoje.

A litteratura chinesa é a maior da Asia. Foi o seu periodo mais brilhante o das dynastias dos Tchêu, dos Tsin, (Confucio, Mencio, Lao-Tsen), dos Han (Sae-Ma-Tsien), dos Tang (Li Tai-Pé e Tu-Fu) e dos Sung (Sae-Ma-Kuang). As obras litterarias da China podem ser classificadas em quatro classes distinctas: 1.ª os livros canonicos, sendo os de primeira ordem em numero de cinco e conhecidos pelo nome de grandes *Kings*: 2.ª os livros d'história, que são extremamente numerosos, porque cada provincia, cada cidade, tem a sua historia. Limitar-nos-hemos a citar os *Sse-Ki*, ou *Memorias historicas de Sae-ma-Tsien*, que é o livro da historia official da China, e que parte da origem da China para vir até o primeiro seculo antes de J. C. Esta obra tem tido diversos supplementos e conta 3:705 volumes, que são vulgarmente conhecidos pelo nome de *Nien-sce-sse* ou os 24 sse. 3.ª os livros de philosophia, que é assim que se convencionou chamar ás obras chinesas que tratam não só de philosophia, mas ainda de todas as sciencias, taes como a medicina, a historia natural, a astronomia, as mathematicas, a agricultura, a arte militar, a jurisprudencia. 4.ª os livros litterarios propriamente ditos. E' esta parte da litteratura chinesa que tem sido a mais estudada pelos europeus, tendo sido muitas das suas novellas e romances traduzidos principalmente em inglez e francez.

A morte de Pero d'Alemquer

A 4 de outubro a esquadra do Gama mettia a longa travessia para a costa oriental da Africa.

De longe a pequena enseada que os nossos deixavam parecia uma enorme fornalha a golphar chammás e fumo. Era a nau e algumas fustas do veneziano que ficavam a arder.

Cerca de tres mezes durou a tragica e asperrima travessia. Nas suas coleras, o oceano Indico parecia perfilhar contra os nossos o odio implacavel do moiro.

As calmarias e os ventos de revez demoravam desesperadamente a viagem n'aquelle deserto immenso do mar.



A segunda incursão monarchica — *Officiaes que commandaram a artilharia e cavallaria que tomou parte no combate de Chaves*

Tenebroso Natal aquelle de 1498, mais sombrio ainda que o anterior para aquelles destemidos aventureiros! Já tinham morrido vinte e nove desde Anchediva e quasi todos de escorbuto.

Em cada nau havia apenas sete ou oito homens para a manobra, para a luta com o mar e com as tempestades, e esses mesmos minados de febres!

Pensava-se tristemente em retroceder para a India, se os ventos não mudassem. De todo emmudeceram os alegres cantares da partida; trocaram-se em rezas e promessas á Senhora do Restello os envaidecidos devaneios de gloria e de amor. De dias a dias, um ou dois pela borda fóra, horrivelmente desfigurados, de pelouro aos pés, para os abysmos do Indico, o mar das perolas e dos coraes!

E Portugal tão distante, que em cada coração se ia sumindo a esperanza de o tornar a vêr.

Era já nos ultimos dias de dezembro. Pero d'Alemquer foi tambem atacado de escorbuto e em poucos dias estava desfigurado, hediondo, a bocca ennegrecida e pestilenta, ferido de morte pela horrenda enfermidade.

Era João Affonso o seu amargurado e desveladissimo enfermeiro.

Estava-se já no 1.º de janeiro de 1499.

— João Affonso — disse Pero d'Alemquer a muito custo — ide pedir que me venha confessar Fr. Pedro... e dar-me os sacramentos.

— Meu amigo, tão amigo como se vosso irmão fóra, tomae animo, tende esperanza.

— Nenhuma esperanza... Isto é de morte... E olhae que nunca julguei que tanto me custasse morrer! Mal cerro os olhos e logo as vejo a pedirem por mim na ermida do Rastello... Lá voltareis, João Affonso, que ha-de permitti-lo Deus...

E dos sumidos olhos do piloto brotavam lagrimas, que se alastravam lentamente pelas faces hediondas.

— E vós tambem, meu amigo, que assim o ha-de querer Deus.

— Sim, boas palavras da vossa amizade. Mais nada, mais nada!... Ide chamar Fr. Pedro.

João Affonso acedeu com a alma trespassada de magua. Comprehedia que estava irremediavelmente perdido aquelle glorioso piloto, o mais glorioso de um grande povo de navegadores.

Pero d'Alemquer confessou-se e recebeu a Extrema-Unção. Assistiu quasi toda a gente da nau



A segunda incursão monarchica — *Peça, soldados apontadores e officiaes que desalojaram a artilharia de Paiva Couceiro*

(Phot. de ***)

— onze homens, se tanto. A frente de todos Vasco da Gama, profundamente commovido.

De todos se despediu e a todos pediu perdão o piloto-mór.

— Sr. João Affonso — disse ao mancebo logo que se viu sózinho com elle. Isto vae depressa... Quando chegardes a Lisboa...



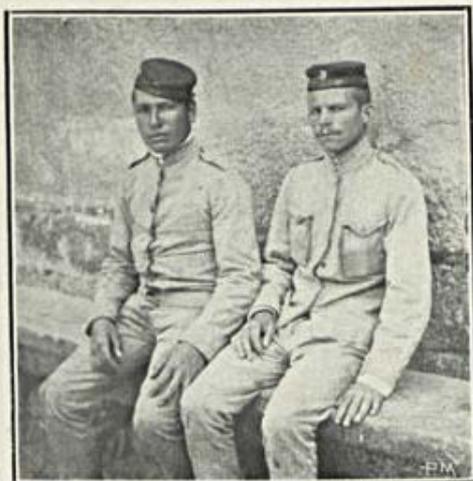
A segunda incursão monarchica — D. João de Almeida, chefe do estado maior da columna de Paiva Couceiro, aprisionado no combate de Chaves e recentemente condemnado em 6 annos de prisão cellular seguidos de 12 de degredo.

ide vê-las... dizei-lhes que me acabei a... pensar n'ellas... e com tamanha pena de morrer... tamanha!... Levae-lhes as perolas e os rubis... que ahi trazia para ellas... e mais o meu collar d'hombros, que o senhor D. João II me deu... Da ralé do povo nasci... mas esse collar de escudeiro me dava orgulho... Deus me perdôe! E adeus... Deus vos pague tamanho carinho... levando-vos para vossa mãe... Adeus!

E ficou como extenuado. Depois começou a soluçar. João Affonso chorava, la perder um dos seus amigos de mais segura lealdade e de mais affectuosa dedicação.

Percebia-se que a nau corria mais veloz. Evidentemente o vento mudára.

— Terra! Terra pela prôa! — gritaram de cima.



A segunda incursão monarchica
Os dois soldados que aprisionaram D. João de Almeida

— Terra! — repetiram muitas vezes jubilosamente.

— Sr. João Affonso, gritou da escada o Alvaro Velho — temos terra á vista.

— Terra... de Portugal! — murmurou o piloto esbugalhando os olhos, e já no desvario da agonia. Ouvira aquella palavra fas-

cinadora, que tantas vezes e em tão diversos lances da sua vida escutára e dissera, sentia-lhe a magica impressão, mas o seu espirito semi-apagado, perdida já a noção exacta das coisas, ligára a boa nova ao impossivel que se lhe fixára no cerebro e era talvez a sua ultima idéa.

Terra de Portugal não podia ser. A esquadra estava á vista de Mogadoxo, na costa oriental da Africa.

Instantes depois, João Affonso subia ao convez e cortava as alegrias da grata appareição, com esta lugubre nova:

— Acabou Pero de Alemquer!

Ao descahir da tarde, já a pequena distancia da costa africana,



A segunda incursão monarchica
Uma peça e uma bandeira tomadas aos realistas no combate de Chaves

Fr. Pedro de Cobillones rezava os responsos pelo piloto-mór, amortalhado nos seus trajos de gala de escudeiro do Paço.

Amarraram-lhe um pelouro de pedra aos pés.

Dois marinheiros o levantaram para o deitar pela borda fóra. João Affonso pediu que lhe deixassem a elle uma parte do funebre encargo.

Cingiu-o piedosamente com os seus possantes braços de athleta, debruçou-se da amurada de bombordo e, pondo o cadaver a prumo, deixou-o cair de pé sobre as aguas.



A segunda incursão monarchica
Escolta de infantaria n.º 19 conduzindo o prisioneiro D. João de Almeida
(Phot. de ***)

— Glorioso piloto do Cabo, abençoado piloto-mór das naus da India, abre-te a sepultura este mar que descobriste — murmurou commovidamente João Affonso.

E caiu de joelhos contra a amurada, a soluçar.

(Ext. do Guerreiro e Monge).

ANTONIO DE CAMPOS JUNIOR.

CORAÇÃO

A minha irmã Maria Deolinda.

Perguntaste-me — ha já dias —
— «Que vem a ser coração!» —
Oh! Filha, que não devias
Ter tamanha indiscreção.

Se t'ò disser, que amargura
Para a tua alma, talvez.
Não comettas a loucura
De perguntar-m'ò outra vez.

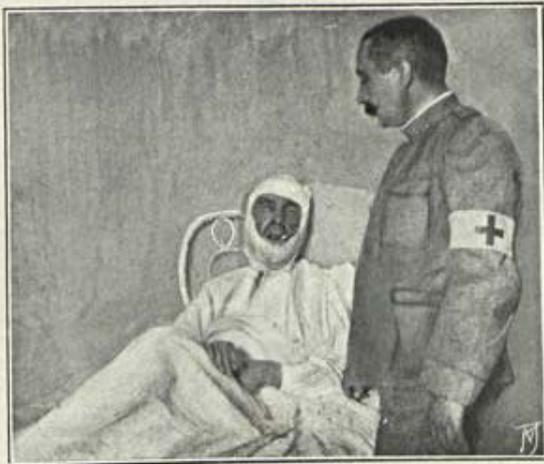


A segunda incursão monarchica — No hospital militar de Chaves — O alferes de cavallaria 6, Joaquim Avellar Pinto Tavares, ferido pelos realistas.



A segunda incursão monarchica
No hospital militar de Chaves — O capitão Tito, ferido pelos realistas

.....
Insistes, pois, num segredo
Que não devias saber,
E que eu mesmo tinha medo
De te dizer?...



A segunda incursão monarchica
No hospital militar de Chaves — O tenente Macedo, ferido pelos realistas

Se assim o quer's vá que seja.
Mas pelo menos devemos
Evitar que alguém nos veja
Ou escute o que dizemos.

Todos podemos julgar
O coração de um só modo.

Mas não ha, no mundo todo,
De corações, um só par,

Que viva profundamente
Unido pelo mesmo amor.
Ou que sofra mutuamente
Os transes duma só dôr.

Por mais sinceros que sejam
Os corações mais amantes;
E que vôem como instantes
As horas em que se vejam;

Que eternas juras se casem
No delirio do desejo;
Que doidamente se abracem
No fogo impuro dum beijo;

Que a vida até lhes esqueça;
E o mundo vago e distante,
De todo desapareça
Num turbilhão delirante;



A segunda incursão monarchica
No hospital militar de Chaves — O impedido de Paiva Couceiro
ferido no combate de Chaves e fallecido dias depois

(Phot. de ***)

Que num olhar longo e mudo
As duas almas se prendam,
E sem falas, digam tudo,
E sem dizer, tudo entendam;

Que a luz viva, intensa e pura
Do destino lhes sorria;
Que tenham mesmo a ventura
Da mais perfeita harmonia,



A segunda incursão monarchica — O padre Domingues, chefe da guerrilha de Cabeceiras de Basto.



A segunda incursão monarchica — Padres presos em Cabeceiras de Basto



A segunda incursão monarchica
Cabeceiras de Basto — Soldados junto á fonte onde se vê o Basto, estatua do seculo XVI

Nada val'! Incendio só,
Que os illumina, fulgindo,
E que se vae extinguindo,
Té se transformar em pó!

Mais um sópro de nordeste
Leva-lhes toda a illusão!
E depois... que vida agreste
Que frio no coração!

Transforma-se em luz de cyrio
A luz fulgente d'out'rorra!
E dia a dia, hora a hora,
Mais e mais cresce o martyrio.

Tudo de amór é mentira!
E' um vago desejo etherio,
Do coração que suspira
Por conhecer um mysterio.

E quando já satisfeitos
Os seus ardentes desejos,
Eis os seus sonhos desfeitos
E sem calór os seus beijos.

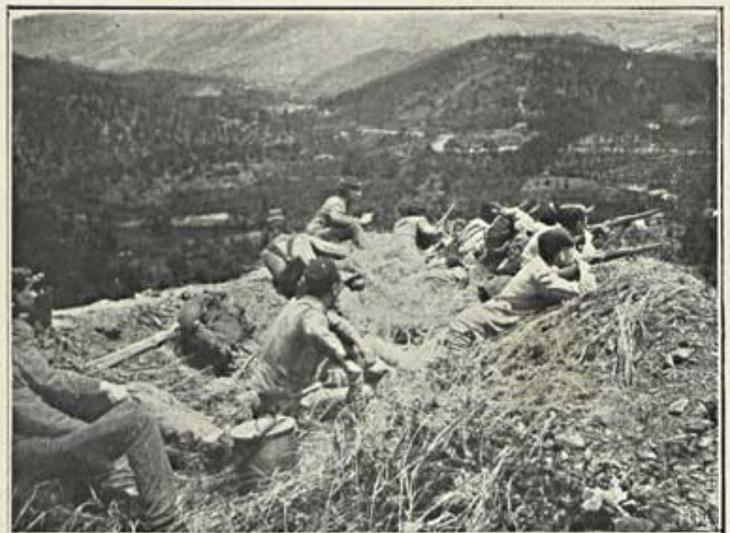
É este o dilemma eterno
Que a grande verdade encerra:
Não ha ventura no inferno,
E o inferno maior é a terra!

Portanto, filha, já viste
Que eu teria até razão
De dizer que não existe
Nem amór, nem coração!

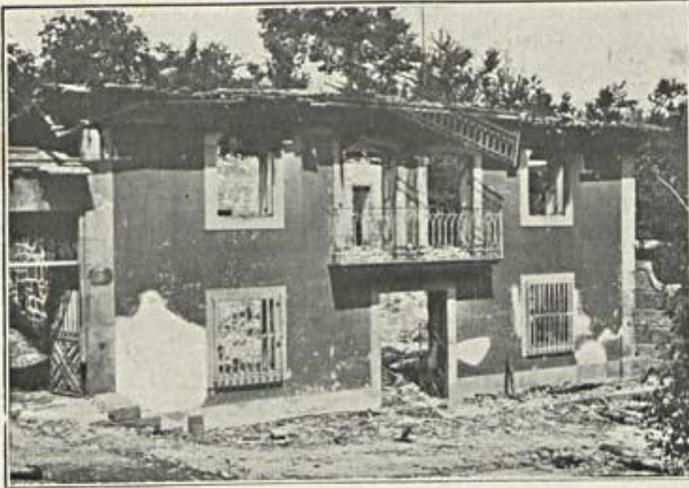
Coração!... É a chrisma impura
Desse rebelde precito,
Feito de lama e granito,
De rosalgar e loucura!

A minh'alma dolorida
Às vezes fica a scismar
Nos temporaes deste mar,
Que é o mar escuro da vida.

E taes maguas, cada dia,
Vão levar-me sempre á ideia,
A intensa melancolia
Do outomno, na minha aldeia.



A segunda incursão monarchica
Em Cabeceiras de Basto — Infantaria n.º 5 fazendo pontaria a uma guerrilha
(Phot. de ■■■)



A segunda incursão monarchica

A casa do padre Domingues, em Cabeceiras de Basto, incendiada depois da entrada das tropas republicanas

Uma a uma as folhas vão,
Do vento nas azas frias,
Como vão as alegrias,
Como se vae a illusão!

O sol é quasi sem vida,
O mundo quasi sem luz!
E cada arvore, despida,
Braços abertos, em cruz,

Tem um aspecto sombrio
De esqueleto descarnado,
Profundamente agitado,
Chocando os ossos com frio.

O vento geme, assobia,
Roga pragas, tem lamentos!
Nos homens, nos elementos,
Que infinita nostalgia.

Desce a tarde — que o sol desce
Num clarão sanguinolento.
E mais e mais se enfurece
Em blasphemias, o vento!

Vem depois o lusco-fusco!
Zunem lufadas daçoite.
E quasi num gesto brusco
Desdobra-se o veu da noite.



A segunda incursão monarchica

Casa do padre Manuel, em Cabeceiras de Basto, depois de incendiada

Depois de estação tão pura,
Toda de luz, doiro e rosa,
Veio est'outra toda escura
Toda triste e tenebrosa.

Correndo atraz da chiméra,
Lá para as bandas do além,
Assim nós vamos tambem
Fugindo da primavera.

Vem o outomno, e os enganos,
Já meio envoltos na tréva,
Lá vão indo com os annos
Quaes folhas que o vento leva.

Se me fosse dada a escolha
Da hora do eterno somno,
Iria co'a ultima folha
Dum melancolico outomno.

Nem irmandades com beccas,
Nem padres com cantochões!
Meu prestito — as folhas seccas
Das extinctas illusões!



A segunda incursão monarchica — *S. Nicolau, povoação entre Cabeceiras e Povoia de Lanhoso—Casa de Gaspar Gonçalves de Almeida depois de incendiada.*

(Phot. de ●●●)

Mas nem eu sei a que veio
Esta minha transição,
De falar do coração,
Mais das maguas do meu seio.

É talvez questão de dias,
Tristezas d'ocasião...

.....

Já viste que não devias
Ter tamanha indiscreção?...

.....

Bahia, Junho — 912.

J. A.

Felisberto, um pançudo negociante de seccos e molhados, convida um amigo para ir ver a sua galeria de quadros, composta de detestaveis oleographias:

— Oh! que linda tela! diz por troça o amigo; é de Raphael?

— Saiba o senhor que aqui de portas a dentro nada ha de Raphael, Pedro ou Sancho; tudo é meu, muito meu, ouviu?



A segunda incursão monarchica — Tropas a caminho de Montalegre

ANECDOTAS

Espirito infantil

- Ah, Lulú, agora não podes negar, apanhei-te. Bebeste o vinho que estava n'este copo.
 — Não fui eu, mamã.
 — Mau, não sejas mentiroso, vale mais dizeres a verdade que ninguém te bate. E' muito feio mentir.
 — Mas eu não minto, mamã. Foi um biscoito que bebeu o vinho.
 — E o biscoito onde está?
 — Esse comi-o, mas foi para o castigar.

Ninguém pôde dizer para onde vae

- Um dia passeava um juiz pelos arredores da cidade, séde da sua comarca e, encontrando um camponez, pergunta-lhe:
 — Para onde vae?
 — Não sei.
 — Eu te ensinarei a ser mais attencioso, retorquiu o juiz. E mandou-o prender.
 — Ora veja lá, senhor, disse-lhe o camponez, se lhe respondi ou não com inteira verdade. Como poderia eu advinhar que ia para a cadeia?...
 O juiz riu-se do espirito do camponio e mandou-o soltar.

Licção mestra

Em uma diligencia, das que antigamente faziam o serviço de carreiras entre as povoações, encontraram-se casualmente, entre outros passageiros, um bispo e um escrivão. Os dois viajantes observavam-se em silencio durante algum tempo e por fim, como sempre succede, trocaram algumas palavras sobre o tempo, duração da viagem, etc.

O bispo era porém, muito fallador, affavel e lhano e d'ahi a pouco poz-se a conversar com o seu companheiro de viagem muito cordealmente. O escrivão, julgando pela familiaridade e simplicidade do bispo que poderia trocar com elle impunemente e obter assim um successo facil de espirito, disse-lhe ao fim de algum tempo de conversação:

- Se Vossa Reverendissima me permittisse que lhe fizesse uma pergunta...
 — Diga, senhor, estou prompto a ouvi-lo e a responder-lhe.
 — Desejaria que me dis-



A segunda incursão monarchica
 Villa Verde da Raia, povoação que esteve em poder dos monarchicos

(Phot. de ***)

sesse qual a differença que existe entre um burro e um bispo...

E dizendo isso, olhava de soslaio para os outros passageiros da diligencia que ficaram attonitos com o atrevimento. O bispo, porém, passado o primeiro momento de estupefação, respondeu tranquillamente:

— E' evidente que ha muitas differenças entre um burro e um bispo. Não sei, porém, a qual d'ellas quer o senhor referir-se...

— A differença é a seguinte, respondeu triumphantemente o escrivão, imaginando o prelado em embaraços: o bispo traz sempre a sua cruz sobre o peito, ao passo que o burro a traz sobre o dorso.

— Tem muita razão, tornou o prelado; com effeito é essa uma das differenças entre um bispo e um burro. Mas diga-me agora uma coisa. E que differença ha entre um burro e um escrivão?

— Não sei... não encontro... respondeu o escrivão ingenuamente, depois de reflectir alguns instantes.

— Não encontra, nem pôde encontrar, porque não ha nenhuma, replicou o bispo, sorvendo uma pitada.

Vantagens do regimen parlamentar

Luiz XVIII, rei de França, que era regularmente intelligente e metia de vez em quando uma pontinha de ironia na sua conversação, dizia uma vez para os seus aulicos:



A segunda incursão monarchica — Em Bouças — Officiaes do estado maior da columna mixta de infantaria 16, cavallaria 4 e artilharia 1.

— Ah, o regimen parlamentar! E' magnifico! Querem vocês saber em que consiste esse regimen? Eu explico:

Levanto-me, almoço, recebo os ministros e pergunto lhes: «Os senhores teem maioria?»

— Sim, sire, respondem-elles.

— Bem; então vou passear.

Passado algum tempo, pergunto-lhes outra vez: «Os senhores ainda teem maioria?»

— Não, sire, respondem-elles.

— N'esse caso vão os senhores passear!

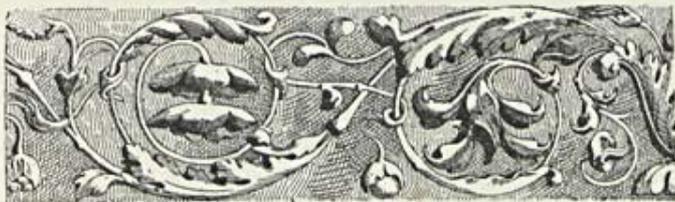
Que fortuna

— Disseste a esses dois senhores que eu não estava em casa?

— Sim, patrão.

— E que te responderam?

— Ah! que fortuna!



POR UM OCULO...

(Críticas, Blagues & Phantasias)

IX

OS ULTIMOS ACONTECIMENTOS

Os ultimos echos do movimento revolucionario monarchico ainda vão entretendo a attenção publica, embora em doses mais insignificantes, alimentados pelas prisões que diariamente se dão e pelo funcionamento dos tribunaes marciais inaugurados com o julgamento de D. João de Almeida, na semana passada.

Pouco a pouco a normalidade — esta inquieta normalidade em que ha muito vivemos — volta a dar um aspecto mais tranquillo a Lisboa, onde antigamente um morteiro annunciando tourada fazia estremecer o burguez pacato e hoje os movimentos revolucionarios com todo o seu cortejo de explosivos e de represalias, não o fazem arredar pé. E' que nós... temos progredido muito!

Habituaamo-nos ao chimfrim caseiro, ao sopapo mutuo, ás detonações mysteriosas e ás prisões a granel. N'outros tempos menos agitados, quando uma familia de certa posição tinha algum parente a contas com a justiça, era um caso de sensação. Todos os conhecidos, todos os que de vista ou de nome conheciam essa familia, discutiam o caso como assumpto empolgante que a todos os outros prevalecia, occupando a primazia das conversas. Hoje, isso é um facto banal. Quasi faz parte dos cumprimentos usuaes. Ao *como passou, passou bem*, junta-se agora a pergunta de quantas pessoas da familia estão presas.

— O papá e a mamã, bons? Ainda estão presos? Quando fór ao Limocero apresente-lhes os meus cumprimentos, sim?

Progresso, tudo progresso! Mas um progresso terrivel de falta de juizo em todos os campos em que está dividida a familia portugueza.

E desta tão lamentavel divisão, da responsabilidade exclusiva dos republicanos, que apoz o 5 de outubro de 1910 não quizeram seguir o unico caminho viavel para a felicidade do paiz — caminho que um eminente demócrata francez aconselhou a um politico nosso em evidencia — resultou, como não podia deixar de ser, a scisão improductiva onde se teem gasto energias preciosas e rios de dinheiro.

Se o novo regimen se tem firmado nas classes conservadoras, purificando-as do que de mau tivessem, mas aproveitando intelligentemente o que de muito bom possuíam, teria evitado este desmembramento de forças, nocivo sempre a todos os povos, e, de consequencias fataes n'aquelles que como o nosso soffrem de profunda anemia moral e intellectual.

Mas a ephemera gloria do *vivório* das multidões, e a sementeira das doutrinas devastadoras espalhadas nos tempos da propaganda contra a monarchia, lançou os nossos dirigentes a reboarem-se pelo escorregadio terreno da suprema demolição. E... catrapuz! Se o proprio ceu ainda existe com as côres dos tempos *ominosos* é porque... tem tido muita sorte! Esta febre de transformações, de um radicalismo inoportuno e importuno e, sobre tudo, o achincalhamento das pessoas que honestamente se conservaram firmes nas suas crenças e crentes nos seus principios; a troça pelos que adhesivavam e a furia contra os que não adheriam; todo este desnorteamento, trouxe naturalmente um mau estar latente, pouco a pouco agravado com a reincidencia nos erros e nos processos condemnados por quaesquer cinco réis de são criterio.

Indevidamente nasceu a má vontade contra o regimen, como já antigamente tinha succedido com as instituições monarchicas. Tornar estas responsaveis pelas asneiras dos seus homens, foi tão rematado disparate como é actualmente considerar a republica causa de todas as tolices havidas desde a sua implantação. Não ha regimens bons, nem regimens maus. Só ha regimens mais ou menos opportunos na sua adaptação, consoante as condições dos povos; e, a excellencia da sua denominação só resulta do valor

dos seus homens. Tudo o mais é palavriado chocho filiado em ignorancia ingenua ou em sectarismo cego. Mas, infelizmente, estes dois predicados abundam em quantidades assustadoras no nosso meio, onde o idolo dogmatico medra perante as multidões estarecidas com a oratoria de qualquer bacharelote atrevido.

E este mal que já tinha levado a monarchia a afundar-se, com as subtilzas dos chás Navegantinos e com as disputas da chefia regeneradora, cavou logo de nascença o terreno republicano em grupelhos que muito já teriam dado que fallar se não fosse o papão dos realistas agrupados na fronteira, que tem sido a escora mais valente que os velhos apóstolos da democracia teem tido para obstar a que se repetisse com elles a scena tragica dos grillos do Padre Patagonia.

Como ingenuo protesto d'este estado de coisas, nasceram as platonicas conspirações espirradas em outubro do anno passado em Vinhaes, com a ephemera restauração monarchica de Santo Thirso, e a de julho ultimo com a investida a Chaves e bandeira azul e branca em Cabeceiras de Bastos, durante umas curtas horas — tudo promptamente liquidado, pelos defensores da republica, em rapidos dias.

Confessado pelos proprios jornaes affectos ao governo, os elementos que se propunham restaurar o antigo regimen ou pelo menos destruir o existente, eram em maior numero dos que n'um momento de bem planeada audacia implantaram em 1910 a republica em Portugal. Mas o que a estes sobrou em tenacidade e intelligente organização secreta, em — porque não dizelo — valentia e ausencia de medo, faltou aos realistas.

A conspiração monarchica com o seu quartel general extra fronteiras, manobrando de forma que todos os agentes da republica se puzessem diariamente a par das suas *demarches* — *demarches* quantas vezes incumbidas e snobesinhos — e, com as suas ligações internas confiadas a ignorados Catões que nas horas de perigo se acocoram debaixo da cama á espera da sorte... do visinho, havia, fatalmente, de dar este resultado. Um movimento revolucionario não demanda a mesma organização que um cirio d'Atalaya ou que uma excursão á Senhora do Sameiro. Os republicanos bem claramente o mostraram na sua modelar effecção revoltosa, em que tambem muito os ajudou as luctas dos grupelhos monarchicos e a passividade conselheiral dos governos do Throno. Estes ultimos factores não estavam ainda sufficientemente amadurecidos nas novas instituições, e, com respeito ao segredo indispensavel de que carecem as conjuras, toca as raias do ridiculo o que por cá se passava, em que não havia menina da baixa que não estivesse ao facto dos planos, pelo derricho emigrado na Galiza ou por qualquer primo peralvilha que nos serões familiares baboseira e inconfidencias.

A chamada conspiração quasi se tornára um *sport*, com pormenores nos jornaes republicanos e exhibição de cartinhas amigas dos conhecidos emigrados, pelas esquinas das ruas e ás portas dos cafés.

Ora isto junto com a cobardia averiguada de meia duzia de poltranascos que farroncavam tezuras para quando a *coisa* rebentasse, e que desgraçaram alguns centos de ingenuos que acreditaram na honra dos seus compromissos, deu o lamentavel resultado que se viu — lamentavel não pelo revez politico que nada é na immensidade do tempo historico, mas irreparavel pelas vidas perdidas em esteril lucta d'irmãos e pelos soffrimentos que estão passando alguns milhares de familias, vendo arrastados para o degredo ou cobertos com o capuz penitenciario os seus ganha-pão e os seus mais estremecidos affectos.

CRISPIM.

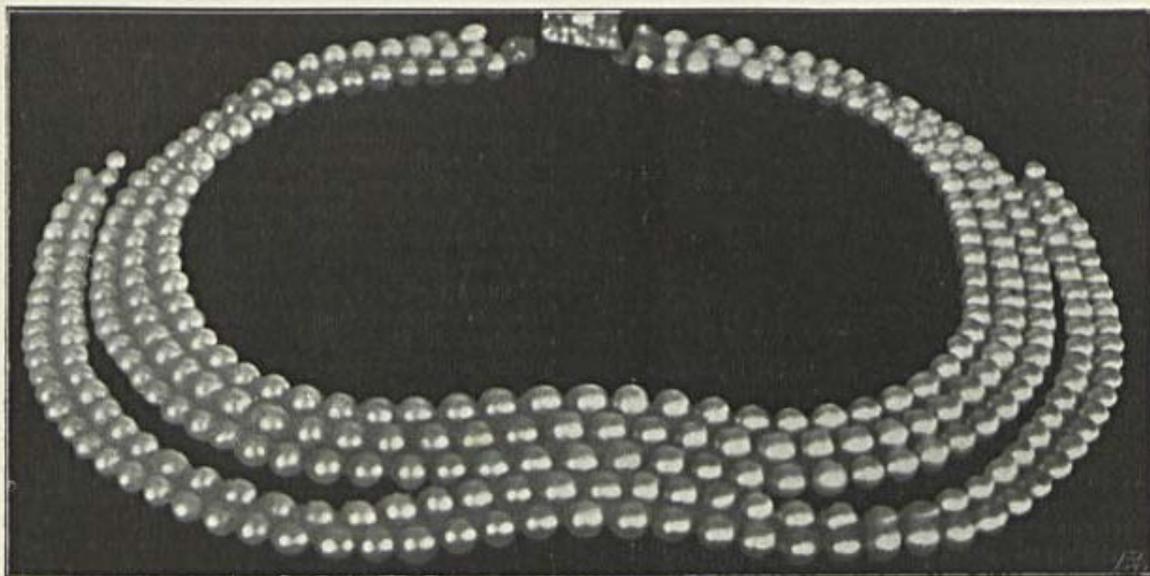
INTERIOR

E' de alguns o coração
Como espaçoso salão,
Por onde confusamente
Passeia a rir muita gente.

O meu, fechado, sem luz,
Lembra um quarto, onde uma cruz
Negra levanta-se ao centro...
Jaz um cadaver lá dentro.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

O leilão das joias da Senhora D. Maria Pia



Grande collar com 324 perolas

(Foi arrematado no dia 29 do mez findo por 61 contos pela casa Weinstein & C.ª)

Adivinhar a idade d'uma pessoa

Não sabemos em que paiz da antiguidade havia um rei que apesar de muito velho e doente, era muito afeiçoado aos calculos mathematicos.

Obstinava-se, porém, em não confessar a idade que tinha, e quantas pesquisas faziam os seus cortezãos para conhecer a data da celebração do seu centenário, ficavam infructiferas.

— Faz-me Vossa Magestade a honra de me rectificar um calculo em que não tenho muita confiança?

— Immediatamente, e prometto que não commetterei erro superior a uma millionesima.

— Então escreva V. M. o numero do mez que corresponde ao seu nascimento, seguindo a ordem natural dos doze mezes do anno.

O rei, que tinha nascido em novembro, escreveu o numero 11 (undecimo mez), e, collocando-lhe em cima a mão aberta, com receio de olhares indiscretos, disse:

— Já está.

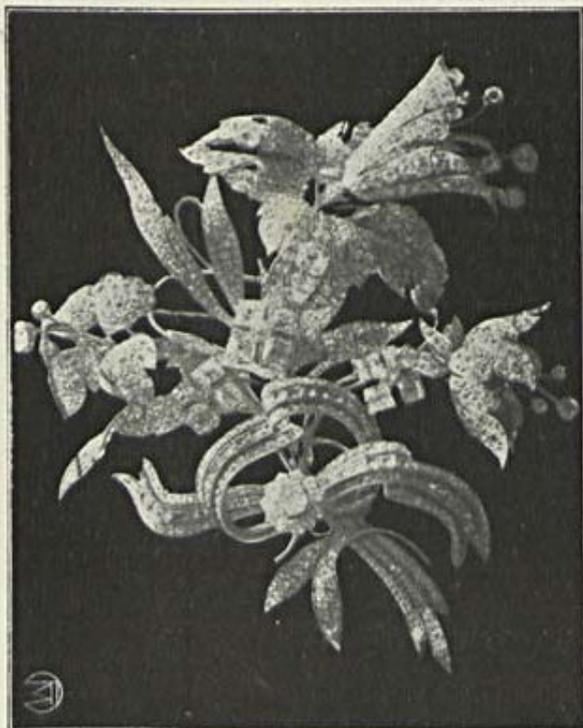
— Perfeitamente. Agora queira dobrar o numero e juntar-lhe mais 5.

Fez S. M. rapidamente este calculo tão simples e repetiu a phrase sacramental:

Já está.

— Bem. Agora multiplique a somma pelo numero 50.

Feito o producto de $11 \times 2 = 22$; sommado o numero 5, que



O leilão das joias da Senhora D. Maria Pia
Laço de brilhantes

Um professor de arithmetica, aproveitando a mania dominante do rei, apresentou-se um dia a elle, dizendo-lhe:



O leilão das joias da Senhora D. Maria Pia — *Caixa de ouro, para rapé, cravejada de brilhantes, tendo uma miniatura de El-Rei D. Pedro V.*

deu um total de 27, e multiplicada esta quantidade por 50, obteve o rei um producto de 1350, que guardou para si.

— Agora, continuou o professor, junte-lhe a idade que tem e somme em seguida com o numero 115.

Tinha o rei noventa e nove annos feitos, e, seguindo as indicações do mathematico, effectuou a operação: $1350 + 99 + 115 = 1564$; e, sorrindo-se, pela facilidade com que a tinha effectuado, disse:

— Está prompto.

— Pois agora só resta fazer a subtração d'um anno convertido em dias, ou sejam 365, que deve tirar da ultima quantidade obtida.

— Pois ficam $1564 - 365 = 1199$. E não ha erro possivel em taes operações.

— Nem eu me engano, disse então o professor, assegurando que em novembro do anno actual faz V. M. cem annos de idade.

O rei ficou fulo como uma bicha.

O leitor ha de ter visto que, no ultimo numero que o rei confessou, os dois primeiros algarismos (11) representam o mez do nascimento e os dois ultimos (99) os annos da idade.

Experimente-se o processo que fica indicado e, mandando proceder ás operações que o rei do nosso conto teve a paciencia de executar, obteremos sempre em ultimo resultado uma quantidade de tres ou quatro algarismos, dos quaes as centenas representam o numero de ordem do mez e as dezenas e unidades o numero de annos.

E' claro que se corre o risco de que nos facilitem datas erradas, tratando-se principalmente do bello sexo, como nos faz crêr um escriptor illustre, que nunca pôde saber ao certo a idade da esposa nem da creada.

Creação de tribunaes

A Casa da Supplicação foi instituida por el-rei D. João I.

A antiga Mesa do Desembargo do Paço foi regularmente estabelecida no reinado de D. João II.

A Inquisição de Evora data de 1547; a de Lisboa de 1539, a de Coimbra de 1541; o conselho geral do Santo Officio de 1547; e a Inquisição de Góa de 1560.

A Mesa da Consciencia e ordens foi estabelecida por D. João III em 1552.

Em 1568 foi creada a Relação de Góa; em 27 de julho de 1582 a do Porto, em 1603 a da Bahia, e em 1751 a do Rio de Janeiro.

O Conselho Ultramarino foi estabelecido por D. João IV em 1643, e o Conselho do Almirantado teve a sua criação por decreto de 25 de abril e confirmação pela carta de lei de 1786.

Quis morar á tua beira
Quis lá fazer um torreão:
Não o pude erguer na leira
Faço-o debaixo do chão.

Os lençoes com que o coveiro
Nos faz a cama no chão,
Para o sono derradeiro,
Nunca mais se mudarão...



A sr.ª D. Albina Euler de Carvalho

A vida elegante

A nova chronica mundana do *Brasil-Portugal*, podia dispensar-se de apresentar programma. Apparece no fim da estação, quando de há muito se iniciou a debandada e Lisboa toma estranhos aspectos de cidade provinciana. Começará portanto pelo balanço da vida mundana dos ultimos menses; e até que os salões lisboetas voltem a abrir as suas portas branco e ouro para o desfile encantador das authenticas elegancias, viverá um pouco de recordações, registando do presente de onde em onde, o que se notabilizar nas thermas e praias, onde agora se encontra dispersa a sociedade da Capital.

Antes, porém, de iniciar esse balanço mundano convém mencionar aqui a ultima festa da *season*, realisada em excepcionaes condições de elegancia, de bom gosto artistico e até de sumptuosidade, no palacete de sr. dr. Arthur A. de Carvalho, em Buenos Ayres. Disseram então os jornaes com desenvolvimento e com justiça, o que foi essa brilhante manifestação de pura arte. Não vamos reeditar agora esse *compte rendu*, que o não permitiria os estreitos limites desta chronica. De resto as gravuras que inserimos, absolutamente inéditas, podem dár melhor a impressão dessa festa esplendida, do que a nossa descolorida referencia.

Representaram-se pela primeira vez duas comedias originaes: *Entre velludos e rendas*, um acto do dr. Cunha e Costa, e *um motivo de Mari-vaux*, do dr. Julio Dantas; o dr. Cunha e Costa fez uma notavel conferencia, acompanhada de projecções luminosas, intitulada *Madona na Arte*. M.^{lle} Caçilda de Carvalho e o sr. Joaquim Abranches, disseram o famoso dialogo de Campoamor *Quien supiera escribir*; representou-se ainda a comedia franceza de Charles Narry *Comme elles sont toutes* e por ultimo a sr.ª D. Adelaide Coelho da Cunha disse o gracioso monologo em verso original de seu marido o illustre poeta sr. dr. Alfredo da Cunha, *o meu primeiro tea*.

Como já dissemos, a imprensa diaria referiu-se detalhadamente á festa e aos primores do desempenho, fazendo absoluta justiça ao escrupulo artistico da confecção do programma e ao brilho incontestavel da sua realisação.

Effectivamente alliançaram-se para este exito, o talento de autores e interpretes e a alta competencia de Eduardo Brazão, o ensaiador e de Augusto Pina o autor dos lindos *déors* que tanto rialce deram ao conjuncto.

A' sr.ª D. Albina Euler de Carvalho, seu pae e seu marido, os srs. dr. Arthur A. de Carvalho e dr. Euler de Carvalho, deveram os convidados que enchiam o elegante salão da bella moradia de Buenos Ayres algumas horas de intenso góso espirital.

Que essa impressão não foi passageira, assim o affirma, tantas semanas decorridas, a agradecida homenagem que aqui lhes prestamos, interpretando bem o sentir d'aquelles que tiveram a honra e o prazer de assistir a essa encantadora festa.

LUIZ TRIGUEIROS.

Diga-me, doutor, em que estado me encontra os pulmões?
— Não lhe occultarei que estão alguma coisa deteriorados.
— Deveras?
— Mas resistirão emquanto o senhor viver.

ANTONIO NOBRE.

PENSAMENTOS

O amor é a história da vida da mulher e não passa de um episódio na do homem.

M.^{me} DE STAËL.

Não ha nada mais contagioso que o exemplo: nunca um grande bem ou um grande mal deixa de provocar outro equal. Imitamos

bandeiras dos officios. Os seus procuradores tinham assento na camara da mesma fórma que o procurador da cidade, e voto nos assumptos que diziam respeito ás corporações dos officios mechanicos e ao governo economico da cidade.

Os officios eram distribuidos em doze gremios ou *bandeiras*, que representavam o terceiro estado da monarchia.

A eleição da Casa dos Vinte e Quatro realisava-se todos os annos em dia de Santo André, e era privativa das *bandeiras* dos officios mechanicos. Cada uma elegia dois *homens-bons*, e esta eleição só podia recahir nos que tivessem mais de quarenta annos, não se considerando eleitos os que não reunissem, pelo menos, duas terças partes dos votos. Era tambem condição obrigatoria, mas

VIDA ELEGANTE

A comédia «Entre velludos e rendas», original de Cunha e Costa



A sr.^a D. Albina de Carvalho e o sr. dr. Arthur Euler de Carvalho

as boas acções por emulação e as más por certa malignidade da nossa natureza, que a vergonha fazia esconder e o exemplo liberta.

ROCHEFOUCAULD.

A Casa dos Vinte e Quatro

Foi el-rei D. João I quem instituiu ou reformou a Casa dos Vinte e Quatro, em recompensá dos serviços que a classe operaria lhe prestou na sua elevação ao throno. Esta corporação, que foi extinta por decreto de 7 de maio de 1834, funcionava sob a immediata jurisdicção e dependencia da camara, bem como as

nem sempre observada, para a *intransia* na Casa dos Vinte e Quatro, o ser casado e ter já exercido todos os cargos na sua respectiva *bandeira*.

Estes vinte e quatro homens elegiam entre si quatro mesteres, o juiz do povo e seu escrivão. Os restantes desempenhavam diferentes funcções municipaes, algumas muito lucrativas e importantes. Nenhum podia ser reeleito sem passarem quatro annos depois de findar o seu exercicio.

O juiz do povo era o chefe do terceiro estado e o seu natural representante; uma das suas obrigações consistia em levar á presenca do rei e da camara quaesquer petições que o povo lhe fizesse e a Casa dos Vinte e Quatro perfilhasse.

Entre muitas outras, gosavam da prerogativa de não poderem ser condemnados a pena vil. As decisões da camara não tinham



VIDA ELEGANTE – A comedia «Um motivo de Marivaux», original de Julio Dantas
 As sr.^{as} D. Cacilda de Carvalho e D. Adelaide Coelho da Cunha e os srs. Henrique Anjos e Nuno de Brion



VIDA ELEGANTE – Uma scena da comedia «Comme elles sont toutes»
 A sr.^a D. Albina de Carvalho, mademoiselle Camara Rodrigues e o sr. José Eduardo Coelho da Cunha

THEATROS

THEATRO DA REPUBLICA — Grand Guignol



O delegado da 5.ª secção

valor não estando elles presentes, salvo por causa não justificada, e nos actos publicos e officiaes empunhavam, como insignia do cargo, uma vara vermelha, encimada pelas armas da camara.

Os procuradores dos mesteres eram obrigados a comparecer na casa da camara todos os dias, sob pena de serem suspensos do exercicio das suas funcções.

THEATRO DA REPUBLICA — Grand Guignol



Em camisa

(Phot. de A. C. Lima)